



## **A influência política na formação das três primeiras rádios de Joinville nos anos de 1941 a 1961<sup>1</sup>**

Izani Mustafá<sup>2</sup>

Associação Educacional Luterana Bom Jesus / Ielusc

### **Resumo**

O artigo *A influência política na formação das três primeiras rádios de Joinville nos anos de 1941 a 1961* está baseado na dissertação *Alô, alô, Joinville! Está no ar a Rádio Difusora! – A radiodifusão em Joinville/SC (1941-1961)* que busca reconstituir o início da história da radiodifusão em Joinville. A formação das três primeiras rádios do município teve forte influência política de dois partidos que disputavam o domínio dos meios de comunicação e brigavam para estar no poder Executivo e no Legislativo de Santa Catarina. A primeira a entrar no ar oficialmente foi a Rádio Difusora AM, em 1941, por iniciativa do neto de imigrante alemão Wolfgang Brosig, simpatizante do Partido Social Democrático (PSD) e que tinha como acionistas empresários ligados também ao PSD e ao Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Antes da emissora funcionar com a concessão, o técnico em eletrônica e apaixonado por rádio realizou várias experiências e transmitiu, em 1938, por meio de alto-falantes instalados no centro da cidade, um dos muitos discursos de Getúlio Vargas. Apenas 17 anos depois surge a Rádio Colon que foi criada pelo ex-deputado estadual Pedro Colin e instalada com recursos da União Democrática Nacional (UDN). Um ano depois, em 1959, foi a vez do deputado estadual do PSD Jota Gonçalves ter autorização para a Rádio Cultura funcionar normalmente. Jota era radialista da Rádio Difusora e contou com a ajuda de Brosig para organizar a terceira emissora de Joinville.

**PALAVRAS-CHAVE:** Rádio; Política; Radiodifusão.

### **Introdução**

O artigo *A influência política na formação das três primeiras rádios de Joinville nos anos de 1941 a 1961* tem como ponto de partida a dissertação *Alô, alô, Joinville! Está no ar a Rádio Difusora! – A radiodifusão em Joinville/SC (1941-1961)* que reconstitui a memória da formação das rádios pioneiras de Joinville: Difusora AM (1941), Colon AM (1958) e Cultura AM (1959) por meio das vivências pessoais de cinco radialistas – José Eli Francisco, Léo César, Mario Hüttl, Ramiro Gregório da Silva e Ruth Costa – e do filho do fundador da primeira emissora, Paulo Roberto Brosig. A pesquisa também está embasada na consulta de fontes documentais como os jornais de Joinville *Kolonie-Zeitung* e *A Notícia*, e o jornal *O Comunicador*, editado pelo

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora, de Jornalismo do XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 17 a 19 de maio de 2010, em Novo Hamburgo (RS).

<sup>2</sup> Professora das disciplinas teórica e prática de rádio no curso de jornalismo da Associação Educacional Luterana Bom Jesus / Ielusc, jornalista diplomada (UFSM) e mestre em História no Programa de Pós-Graduação em História do Tempo Presente da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).



Sindicato dos Radialistas de Joinville e região Norte/Nordeste, e a revista Vida Nova (1951).

As edições analisadas, principalmente entre 1938 e 1941, estavam no Arquivo Histórico de Joinville e no acervo do jornal A Notícia. Uma das curiosidades localizada nas edições de 1938 foi alguns propagandas de venda de rádios Philips, Zenith, RCA Victor e Pilot e das lojas que comercializavam esses receptores, feitas por Wolfgang Brosig, idealizador da Rádio Difusora AM. Também foram encontrados nessas edições anúncios da programação da Rádio Nacional do Rio de Janeiro (PRE-8), Rádio Clube Paranaense (PRB-2) e BBC de Londres; e tabela de preços de anúncios simples, programas especiais, aniversários e discos da Rádio Clube Paranaense. O foco das manchetes e informações concentrava-se em notícias do front da Segunda Guerra Mundial, de atividades e visitas do presidente da República Getúlio Vargas (1930-1945), e de ações relacionadas à Campanha de Nacionalização, iniciada em 1938.

A investigação, fundamentada em dois campos epistemológicos que são a comunicação e a história, parte da problematização de como o fundador da Rádio Difusora AM, Wolfgang Brosig, neto de imigrante alemão, Otto Boehm, consegue a concessão da emissora em plena Campanha de Nacionalização, em 1940 e a pôr no ar oficialmente em 1941. Técnico em eletrônica, em 1938, por exemplo, ele organiza a transmissão de um discurso do presidente da República, Getúlio Vargas, em 7 de setembro de 1938, utilizando alto-falantes instalados no centro de Joinville. O fato, é claro, atraiu um grande público. Por essas iniciativas, Brosig é considerado o “pai do rádio” em Joinville.

A partir dessa questão, a pesquisa oral e documental descreve o surgimento da primeira rádio em Joinville e, 17 anos depois, a segunda, a Rádio Colon. Somente 18 anos depois é criada a Rádio Cultura. Na reconstituição da memória das rádios, a partir das experiências pessoais de integrantes dessa história, de documentos e muitas fotos, surgem as relações políticas que permeavam a atividade da radiodifusão em Joinville. Estavam presentes na formação das três primeiras rádios o Partido Social Democrático (PSD), o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) e a União Democrática Nacional (UDN). Em Santa Catarina, o PSD e a UDN disputavam o poder político e o domínio dos meios de comunicação para terem voz junto aos seus eleitores.



### **A Rádio Difusora (ZYA-5) entra no ar em 1941**

Em 1940, o município de Joinville estava em plena expansão econômica e social, como muitas cidades do Brasil. Era o momento da primeira fase da industrialização, com a instalação de indústrias como a Fundação Tupy<sup>3</sup>, fundada em 9 de março de 1938, por Albano Schmidt, Hermann Metz e Arno Schwarz. O país estava no regime de Estado Novo, com a Campanha de Nacionalização<sup>4</sup> (1937-1945) em vigor e o mundo vivenciando a Segunda Guerra Mundial.

A iniciativa de criar a primeira rádio foi de Wolfgang Brosig, um homem que era apaixonado por esse veículo de comunicação. De acordo com o filho Paulo Roberto Brosig, “o pai tinha nas veias o gosto pela comunicação, herdado do seu avô Otto Boehm”<sup>5</sup>. Ele define o progenitor como sendo uma pessoa da comunicação e do rádio, e um inventor porque gostava de “fazer coisas diferentes. Se tinha uma coisa que ninguém fez era onde ele se pegava. Tanto que quando ele pegou o rádio e pôs o rádio no ar, vários amigos dele disseram que ele estava louco, que não ia dar certo”<sup>6</sup>. Enquanto se dedicava às experiências radiofônicas e buscava instalar uma emissora, completa o filho Paulo Roberto, alguns conhecidos tentavam persuadi-lo a desistir da iniciativa que tinha o total apoio da mulher Juracy.



**Figura 1:** Registro fotográfico de recorte de uma foto onde está Wolfgang Brosig, em 1955, acompanhando uma transmissão esportiva.  
**Acervo:** Léo César

<sup>3</sup> Atualmente chama-se Tupy S.A. e fabrica componentes em ferro fundido para os setores automotivo, ferroviário e de máquinas e equipamentos. Produz também conexões de ferro maleável, utilizadas em instalações hidráulicas e outros mecanismos de condução de gases, fluidos industriais, perfis contínuos de ferro, aplicados em construções mecânicas e granalhas de ferro e aço, utilizadas como abrasivo para limpeza de máquinas e para corte e desbaste de minerais.

<sup>4</sup> Conjunto de medidas criadas durante o Estado Novo. Visava reduzir a influência das comunidades de imigrantes estrangeiros no Brasil e fortalecer a integração da população brasileira. Entre as principais medidas está a proibição de falar idiomas estrangeiros, como o alemão.

<sup>5</sup> BROSIG, Paulo Roberto. Filho de Wolfgang Brosig, em entrevista à autora em 6 de dezembro de 2008.

<sup>6</sup> Idem. Ibidem.



No entanto, ele era persistente e, em 1940, alcançou o objetivo. O fato foi noticiado no jornal *Kolonie-Zeitung*. A “Radio Diffusora [sic] de Joinville S.A.” obteve a autorização para explorar uma estação de rádio, sendo que a emissora deveria ter uma potência de 100 watts e ser transmitida numa frequência de 1.600 quilociclos, com o sinal de ZYA-5. A nota na íntegra, escrita em alemão, dizia:

**Radio Diffusora de Joinville S.A. Sr. Augusto Montenegro**, Diretor-Superintendente de “Radio Diffusora de Joinville S.A.” comunicou-nos através de uma correspondência que o Sr. Ministro dos Transportes liberou a 7 deste mês os planos e as condições técnicas necessárias para o orçamento e a localização da estação de uma emissora de rádio desta sociedade que seria instalada na Alameda Bruestlein nº 127. Foi permitida a mencionada sociedade a autorização para explorar uma estação de rádio cuja emissora teria uma potência de 100 watts que poderá ser trabalhada em uma frequência de 1.600 quilociclos, que equivale a 187,5 metros e cujo sinal será ZYA-5 – em poucos dias os preparativos estarão finalizados e depois disso a ZYA-5 – irá assumir a sua atividade de emissão oficial. Agradecemos cortesmente pela participação!<sup>7</sup>

Como se observa, a autorização para o funcionamento da emissora estava no nome do então diretor-superintendente, Augusto Montenegro de Oliveira e não Wolfgang Brosig. Para completar, “a outorga de autorização do governo federal para execução de serviços de radiodifusão, pela portaria 527, datada de 7 de outubro e publicada no Diário Oficial de 8 de outubro”<sup>8</sup>. Um ano depois, em 30 de outubro de 1941, a “Radiodifusora de Joinville S.A.” convoca, pelo jornal *Kolonie-Zeitung*, certamente, a primeira reunião da Assembléia Geral Extraordinária, a ser realizada na Alameda Bruestlein, nº 127, hoje conhecida como Rua das Palmeiras, e onde funcionou a primeira sede da Rádio Difusora AM:

São convidados os senhores acionistas da sociedade anônima Rádiodifusôra de Joinville S.A. para reunir-se em assembléia geral extraordinária, no dia 10 de novembro de 1941, às 20 horas, em sua sede, á alameda Bruestlein, nº 127, nesta cidade de Joinville, para tratar da substituição do atual Diretor Superintendente por outro, que será eleito na mesma assembléia. Joinville, em 30 de outubro de 1941. Arnaldo Pieper – Diretor-Presidente<sup>9</sup>.

Numa outra edição do *Kolonie-Zeitung*, uma outra matéria, intitulada “Radiodifusora de Joinville S.A. – Ata da Assembléia Geral Extraordinária dos

<sup>7</sup> *Kolonie-Zeitung*, edição de 29 de outubro de 1940 – número 87, na página 2, em Noticiário Local – Lokaies

<sup>8</sup> Caros Ouvintes, site [www.carosouvintes.com.br](http://www.carosouvintes.com.br), de 24 de março de 2005, visitado em 12 de novembro de 2007, às 15h10.

<sup>9</sup> Idem. Ibidem, edição de 30 de outubro de 1941, página 5.



acionistas da Radiodifusora de Joinville S.A., realizada em 3 de novembro de 1941, para adatar os Estatutos à Lei 2.627, de 26 de dezembro de 1940”<sup>10</sup> chamava para um encontro “anual para discussão de aprovação do balanço geral e contas referentes ao exercício de 1940 e do parecer do Conselho Fiscal e Suplentes para o novo exercício”, e nela estão listados os nomes dos acionistas presentes nessa assembléia: Arnaldo Pieper, Wolfgang Brosig, Arnaldo Moreira Douat, Walter Brand, Olívio Barbosa Cordeiro, Paulo João da Silva Medeiros, Erhald Wetzel, Guilherme Urban e Augusto Montenegro Oliveira, diretor superintendente da sociedade anônima. A outorga foi facilitada na verdade porque além de Brosig e Augusto Oliveira, havia outros sócios na empresa Radiodifusora.

Foi a partir da autorização do governo federal que a emissora organizou-se para iniciar os serviços de radiodifusão. Nem mesmo a Divisão do Rádio do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP)<sup>11</sup>, responsável por supervisionar “os serviços de radiodifusão do país e orientar a rádio brasileira em suas atividades culturais, sociais e políticas”<sup>12</sup>, impediu que Brosig, de origem alemã, concretizasse o sonho de instalar uma rádio. Havia, sem dúvida, influência política positiva para ele, já que naquela época nada escapava do controle desse órgão.

Por meio das entrevistas orais, verifica-se que a influência de partidos políticos estava presente na formação da Rádio Difusora, principalmente quando o Estado Novo chegou ao fim, em 1945. Segundo Paulo Roberto Brosig<sup>13</sup>, o radialista José Eli Francisco<sup>14</sup> e a locutora Ruth Costa<sup>15</sup>, tanto Brosig como sua esposa Juracy eram simpatizantes do Partido Social Democrático (PSD), que apoiava o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Todos os entrevistados também têm um ponto de vista em comum: a emissora “era o quartel general do PSD”. O filho de Brosig, Paulo Roberto, afirmou que Getúlio Vargas, em visita a Joinville, também esteve na rádio do pai.

---

<sup>10</sup> Jornal *Kolonie-Zeitung*, localizado no Arquivo Histórico de Joinville, sem identificação de data.

<sup>11</sup> Órgão responsável pela fiscalização do cumprimento de normas de funcionamento dos meios de comunicação em todo o território nacional, criado em 27 de dezembro de 1939, pelo decreto-lei nº 1.915. Foi extinto pelo decreto-lei nº 7.582, de 25 de maio de 1945.

<sup>12</sup> GOULART, Silvana. *Sob a verdade oficial: ideologia, propaganda e censura no Estado Novo*. São Paulo: Marco Zero, 1990. p. 68

<sup>13</sup> Engenheiro eletrônico, filho de Wolfgang Brosig, em depoimento em 22 de novembro de 2008.

<sup>14</sup> Presidente do Sindicato dos Radialistas Profissionais e Empregados em Empresas de Radiodifusão e Televisão da Região Norte/Nordeste do Estado de Santa Catarina, em depoimento em 31 de julho de 2007.

<sup>15</sup> Locutora da Rádio Difusora, trabalhou no período de 1947 a 1963, em depoimento em 7 de novembro de 2008.



**Figura 2:** Registro fotográfico de foto da década de 1950: Getúlio Vargas faz discurso na sacada do escritório do advogado Rodrigo Lobo, do PTB, em Joinville. De costas, o locutor da Rádio Difusora AM Jota Gonçalves.  
**Acervo:** José Eli Francisco.

E foi essa aproximação partidária que contribuiu para o sucesso da emissora ser instalada numa cidade com forte influência cultural germânica. Brosig também deve ter ganho a simpatia do DIP e de Vargas a partir do momento em que fez a primeira transmissão oficial do discurso em 7 de setembro de 1938, a partir de um transmissor que construiu e com a utilização de alto-falantes.

### **Em 1958 a Rádio Colon começa as suas transmissões**

A Rádio Colon AM foi criada 17 anos depois da Rádio Difusora pelo ex-deputado estadual Pedro Colin, da União Democrática Nacional (UDN), filho do ex-prefeito de Joinville, João Colin (1951-1956). Por não ter voz e sem espaço para divulgar sua ideologia na Difusora, a UDN instalou uma emissora na cidade como forma de controlar pelo menos um veículo de comunicação. Nas décadas de 1940, 1950 e 1960 o cenário político em Santa Catarina estava dividido entre duas famílias que disputavam também o controle da mídia. De um lado estava a família Ramos, dentro do PSD, organizado pelo ex-governador Nereu Ramos. Era esse partido que apoiava Getúlio Vargas e o apoiou quando retornou à presidência, em 1950. Foi ainda a família Ramos que deu aval para o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), liderado no estado por Doutel de Andrade. No lado oposto estava a família dos Konder-Bornhausen. Por serem adversários dos Ramos, Adolfo Konder e Irineu Bornhausen fundaram a UDN em Santa Catarina.



A história dessas duas famílias se repetiu em Joinville. A Rádio Difusora AM apoiava o PSD e PTB e não abria espaço para os udenistas. Quando a UDN percebeu que o PSD estava se fortalecendo na cidade, exatamente quando o deputado estadual Jota Gonçalves (PSD) havia conseguido a concessão para abrir uma rádio, houve uma mobilização para instalar a Rádio Colon. Assim, essa emissora tornou-se a segunda em Joinville e a terceira, idealizada por Jota, entrou no ar apenas em 1959 porque ele não tinha recursos suficientes para a compra de equipamentos e estruturação da equipe.

A UDN era um partido rico e em Joinville havia muitos filiados e simpatizantes, tornando a obtenção da concessão e licença para a Colon entrar no ar mais facilmente. O cenário político catarinense era favorável para os udenistas, apesar de estar na presidência da República Juscelino Kubitschek, candidato eleito pelo voto direto pelo PSD e PTB. Entre 1956 e 1958, o governador de Santa Catarina era Jorge Lacerda, do Partido de Representação Popular (PRP), que havia se coligado com a UDN.

Na administração municipal estava Dario Geraldo Salles (1957 - 1958), da UDN, e depois o cargo foi ocupado Baltasar Buschle (1958 - 1960), do PRP, PSD e PTB. No legislativo estadual o destaque de Joinville era Jota Gonçalves, do PSD, que almejava o cargo de prefeito da cidade. Neste contexto político a UDN agilizou a instalação da Colon, inaugurada em 28 de maio de 1958, com o apoio do empresariado local e dos órgãos públicos do estado, entre eles a Celesc. O objetivo era impedir que a Rádio Cultura começasse as transmissões e “abafar” o sonho político de Jota Gonçalves.

A segunda emissora de Joinville e a primeira concorrente da Rádio Difusora AM foi idealizada pelo ex-prefeito João Colin. Mas quem ficou a frente do negócio foi o filho adotivo Pedro Colin, que também iniciou carreira política nesse mesmo ano. Foi eleito vereador pela UDN e manteve-se na política, ocupando depois os cargos de deputado estadual e deputado federal, até 1987. Em 2008, quando a rádio completou 50 anos de existência, uma nota foi publicada no jornal A Notícia:

Decidido e pleno de otimismo trabalhou perseverante em busca do sonhado ideal. Iniciou e agilizou com dedicação todos os procedimentos legais para a aquisição e ativação em Joinville de um serviço de radiodifusão segundo seu desejo. Passado algum tempo e já diante da confirmação favorável do que até então era só uma perspectiva, João Colin, motivado, adquiriu os espaços necessários, os transmissores, demais equipamentos, os acessórios e praticamente montou e preparou a emissora com todas as condições de servir as populações de Joinville e localidades próximas. Não demorou e o sonho foi alcançado<sup>16</sup>.

<sup>16</sup> Jornal A Notícia, edição de 28 de maio de 2008 (quarta-feira). Matéria paga, assinada por: João, bisneto; Ana Cristina, neta; Rose-Marie, filha; e Edison, genro.



João Colin, empresário e proprietário da fiação Joinvilense, não ouviu a primeira transmissão oficial da Rádio Colon. Ele faleceu poucos meses antes da inauguração.

Por certo, João Colin, o idealizador do que somos, caso aqui estivesse, sorriria satisfeito, orgulhoso. O sonho não acabou! A sua rádio, a nossa RÁDIO COLON AM – 1090 – está viva, ativa, feliz e exatamente onde ele sempre desejou que estivesse<sup>17</sup>.

A primeira sede da Rádio Colon AM funcionou no edifício Colon, na Rua do Príncipe, próximo à Rua das Palmeiras, por onde a Rádio Difusora AM já havia passado. Ocuparam, portanto, o mesmo espaço em tempos diferentes.



**Figura 3:** Foto de um quadro produzido pela família, com a foto de João Colin, idealizador da Rádio Colon AM, lembrando os 50 anos de sua morte.

**Acervo:** Foto de porta-retrato exposto no hall da emissora. Ariele Cardoso, em 2008.

O primeiro locutor oficial da Rádio Colon foi Arno Enke, que apresentava o noticiário e era o comentarista. Trabalhou na emissora por 15 anos consecutivos e, mesmo assim, seguiu sua carreira política. Ele era advogado, natural de Jaraguá do Sul, e ex-professor do curso de Direito da Associação Catarinense de Educação (ACE).

---

<sup>17</sup> Idem. Ibidem



Elegeu-se deputado estadual pela UDN, na década de 1960. Depois, ocupou a pasta da secretaria de Administração, ao lado do prefeito Nilson Bender.

A maioria dos demais profissionais da Rádio Colon AM também era de outras cidades, como Arno Enke. A programação da Colon era elitizada, comunicativa e musical, e mantinha na locução vozes diferentes e atraentes. De acordo com Ramiro Gregório da Silva, nessa emissora “estavam os profissionais do rádio. Não viviam de bico. [...] E na Rádio Colon estava a nata do profissionalismo<sup>18</sup>”. Ele também recorda-se de outros radialistas como Heriberto de Oliveira, que escrevia crônicas e paródias, Ludovico Mickoz, um locutor matinal que tinha muita audiência, e Tito Correia. Outro radialista contratado no início da Colon AM foi Tito Corrêa, que além de “bonitão, ter olhos verdes e ser simpático, tinha uma voz muito bonita”<sup>19</sup>. O operador técnico era Haroldo Iran Assunção, que mais tarde foi trabalhar na Rádio Cultura AM.

A equipe esportiva demorou para ser estruturada. Somente na direção de Edson Storrer, a Colon contratou profissionais para fazer coberturas esportivas. Um dos locutores esportivos foi Leopoldo Schroeder, conhecido pelo nome artístico de Léo César, cuja carteira de trabalho comprova sua presença na emissora em 1959 e 1960.



**Figura 4:** Reprodução fotográfica do cartão de identificação de Léo César como locutor esportivo da Rádio Colon AM, em 1959.

**Acervo:** Léo César.

### **Deputado estadual Jota Gonçalves inaugura a Rádio Cultura**

A Rádio Cultura AM foi fundada em 1º de julho de 1959 por Jota Gonçalves. Ela estava em fase de experimentações desde 9 de janeiro de 1956 e poderia ter sido a segunda emissora a entrar no ar em Joinville. Boa parte dos equipamentos eram

<sup>18</sup> GREGÓRIO, Ramiro. Radialista, em depoimento à autora em 16 de maio de 2008.

<sup>19</sup> Idem. Ibidem.



sucateados e o deputado estadual do PSD e radialista Jota, locutor da Rádio Difusora AM e amigo da família Brosig, não tinha recursos financeiros suficientes para instalar a rádio. Além disso, os opositores políticos que temiam sua vitória na eleição para prefeito foram rápidos e conseguiram criar a Rádio Colon AM (1958). Sem a força e espaço num veículo de comunicação, certamente a UDN perderia o controle político na cidade, a maior de Santa Catarina.

Para começar a estruturar a Rádio Cultura, Jota recebeu muitos equipamentos de Brosig, proprietário da Rádio Difusora AM. Jota era pobre, mas com a “bondade do Wolfgang Brosig, que era um pai para o Jota, era agradecido a Jota, que era um bom vendedor. Além de falar bem, o Jota era polêmico, depois entrou na política [...]”<sup>20</sup>. Ele era o locutor oficial da Difusora e vendedor de espaços comerciais pelo qual recebia uma porcentagem. Com essa verba pôde organizar a emissora que teve como primeiros acionistas os empresários Adhemar Garcia e Gerard Louis Wetzel. Cada um, inclusive Jota, pagou a cota de capital de 150 mil cruzeiros. O negócio fechou em 450 mil cruzeiros e a documentação comprovando a transação foi assinada em 9 de janeiro de 1956<sup>21</sup>. Na fase experimental, em 1956, os três contrataram José Gonçalves, de acordo com o Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Comerciários (IAPC). A data para marcar a entrada oficial da Cultura AM na era da radiodifusão foi escolhida por Jota Gonçalves para homenagear a filha Rosita, em 1º de julho.



**Figura 5:** Registro fotográfico da inauguração da Rádio Cultura AM, em 1º de julho de 1959, transmitida ao vivo. À esquerda está o radialista Ramiro Gregório, ao centro o jornalista e escritor Augusto Silvio Prödel, e à direita o deputado estadual e fundador da emissora, Jota Gonçalves.

**Acervo:** Ramiro Gregório da Silva.

<sup>20</sup> FRANCISCO, José Eli. Radialista, em depoimento à autora em 18 de novembro de 2008.

<sup>21</sup> Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Comerciários (IAPC). Livro de registro profissional de Joinville.



Em 1958, Jota Gonçalves foi até a Rádio Araguaia de Brusque (que pertencia a Emissoras Coligadas) e convidou o radialista Ramiro Gregório da Silva para cuidar da infraestrutura e do *broadcasting* da Rádio Cultura AM. Ramiro recorda-se que se sentiu honrado em ter sido convidado por um “ícone do rádio, ele era o maior e melhor vendedor, fazia radioteatro. Era um mago do rádio”<sup>22</sup>, para trabalhar em Joinville. Mas, confessou que ficou desanimado quando verificou que “a Rádio Cultura existia apenas no papel e que o Jota não tinha recursos para instalar a emissora. Ele disse isso para mim, eu não tenho dinheiro para pagar teu salário”<sup>23</sup>. Os dois conversaram abertamente sobre a situação e Jota garantiu o pagamento do salário a Ramiro. Na época, Jota era diretor comercial da Rádio Difusora e ganhava um salário e uma comissão das vendas de publicidade, e, assim, era beneficiado pela maior carteira. Então, propôs a Ramiro dar-lhe o salário que recebia de vendedor todo final do mês, correspondente a 5 mil cruzeiros. Assim Ramiro começou a trabalhar na terceira emissora de Joinville.

O primeiro endereço do estúdio da Cultura AM foi na rua Itajaí, 154, no centro de Joinville. E no espaço havia poucos equipamentos, como vamos verificar na foto a seguir:

A parte técnica era muito simples, apenas dois toca-discos, uma mesa de áudio e um microfone. Nesta primeira fase, a montagem desses equipamentos e suas devidas manutenções ficaram a cargo de Hans Stock e Werner Hernning, parceiros que trabalhavam em uma oficina radiotécnica, empresas muito importantes em uma época onde a televisão era apenas luxo dos grandes centros<sup>24</sup>.

---

<sup>22</sup> SILVA, Ramiro Gregório da. Radialista, em depoimento à autora em 2 de abril de 2008.

<sup>23</sup> Idem. Ibidem

<sup>24</sup> MORAES, Paulo Romão de. *Radiojornalismo em Joinville: uma análise da Rádio Cultura AM (1964 a 1984)*. Monografia defendida na faculdade de jornalismo, no Ielusc, em dezembro de 2007. p. 26



**Figura 6:** Registro fotográfico do dia da Inauguração da Rádio Cultura AM. Em pé, Jota Gonçalves observa o operador-técnico.  
**Acervo:** José Eli Francisco

Entre os equipamentos existentes, lembra-se Ramiro, havia um microfone da marca Philips que Jota Gonçalves havia comprado e foi o primeiro a ser usado pela emissora. Ele possuía ainda um transmissor de 100 watts e mesinha de som, produzidos artesanalmente pelo Brosig. Naquela época havia pouca tecnologia, por isso, a torre foi construída numa oficina em Joinville, de acordo com as normas recomendadas pelo Dentel<sup>25</sup>, com uma altura entre 50 e 60 metros. Para ficar mais barato, Jota usou um material de baixa qualidade, que não interferiu nas primeiras transmissões. Depois, aos poucos, foram sendo feitas as inovações no transmissor, para a emissora produzir sons de melhor qualidade e maior alcance.

Com uma boa infraestrutura para a rádio começar a funcionar, Ramiro começou a formar a equipe de locutores e foi atrás de candidatos para falar ao microfone. A maioria dos interessados, lembra Ramiro, não tinha nenhuma prática, e assim, teve que ensinar os mais vocacionados para a função. Ele tinha que dar aulas de locução, utilizando um gravador da marca Grounded, comprado em contrabando diretamente de um navio atracado em São Francisco do Sul, gravava o teste de locução e depois

<sup>25</sup> Departamento Nacional de Telecomunicações que executava as ações do Ministério das Comunicações. Foi extinto com a criação do super ministério da Infraestrutura, durante o governo Collor, em 1990.



reproduzia para eles se autoavaliarem. Um dos primeiros radialistas foi Raciél Gonçalves, contratado em 1959. No ano seguinte, em 1960, são admitidos Plínio de Oliveira Neto e o operador técnico Joacy Alcântara<sup>26</sup>.

O diretor Ramiro Gregório também recebeu a missão de criar uma programação diferenciada. A emissora foi a primeira de Joinville a buscar matérias longe do estúdio, em outras cidades, com o repórter levando um gravador para que as entrevistas com autoridades pudessem ser transmitidas. O diferencial da Cultura era ir onde o fato estivesse acontecendo, destaca Ramiro: “Ela sempre foi uma emissora de vanguarda. Ela sempre corria atrás da informação e aí começamos a colocar noticiários bem atualizados [...]”<sup>27</sup>.

A Rádio Cultura também criou alguns modelos de programas que não deram certo, como programas infantis e sertanejos. Sem audiência, deixaram de ser apresentados. Os programas de auditórios também não fizeram sucesso na emissora, já que os ouvintes estavam acostumados aos programas ao vivo da Rádio Difusora. Em função desses problemas, a Cultura passou a dedicar-se ao jornalismo e rodava música clássica e outros estilos populares. Ramiro estava ciente de que não poderia combater a Rádio Difusora

porque lá estavam os monstros sagrados do rádio. Como o Charles Weber. E na Rádio Colon estavam os profissionais de fato, do rádio. Não viviam de bico. [...] Estava a nata do profissionalismo, locutores com experiência em Curitiba, e tal. E tive que encontrar um meio termo, um pouco mais popular, mais moderno e mais comedido nas expressões, não fazendo farra no microfone, os locutores tinham que trabalhar com seriedade. Podiam ser simpáticos, mas com seriedade. Nada de gargalhadas, nada de contar histórias<sup>28</sup>.

O objetivo da rádio era ter uma postura sóbria e simpática baseada no nome cultura, sem ter a nobreza mantida pela Rádio Colon. Ramiro conta que por isso a programação tinha muito noticiário de boa qualidade e realizava transmissões esportivas. Segundo ele, tudo era escrito em três vias na máquina de escrever Remington. Uma cópia ficava com o locutor, outra com o operador técnico e a terceira à disposição da fiscalização do Dentel. A emissora se destacava também pelas transmissões ao vivo, de fatos importantes, sobre o que estava acontecendo no dia-a-dia

---

<sup>26</sup> Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Comerciantes (IAPC). Cópia de parte do livro de registro profissional de Joinville de 27 de abril de 1960.

<sup>27</sup> Idem. Ibidem.

<sup>28</sup> SILVA, Ramiro Gregório da. Radialista, em depoimento à autora em 16 de maio de 2008.



da cidade. Assim, tornou-se uma “rádio prestativa, sem ser submissa”<sup>29</sup>. No terceiro aniversário da Rádio Cultura AM, na Liga de Sociedades, Jota reuniu os funcionários para acompanhar várias atrações, entre eles, Juca Chaves. A ocasião foi registrada na foto abaixo:



**Figura 7:** Registro fotográfico de foto dos radialistas ao lado de Jota Gonçalves (ao centro), entre a filha Rosita e a apresentadora Maria Nascimento, na Liga de Sociedades de Joinville, em 1962.

**Acervo:** José Eli Francisco.

Em pé, da esquerda para a direita estão os seguintes radialistas, identificados por Eli Francisco:

1. O jornalista e produtor de programa Augusto Silvio Prödel.
2. Hans Stock era técnico em eletrônico, formado na Alemanha, e foi quem ajudou Jota Gonçalves a montar a Rádio Cultura AM. Era da família tradicional de Emilio Stock.
3. Francisco Lux era gerente da Rádio Cultura AM e afilhado de Jota Gonçalves.
4. Deny Reis era gaúcho, apareceu em Joinville e foi contratado para transmitir futebol.
5. Rosita Gonçalves, filha do Jota Gonçalves, era locutora. Apresentava um programa de variedades.
6. Jota Gonçalves foi o idealizador, fundador e proprietário da Rádio Cultura AM.
7. Maria Nascimento apresentava um programa infantil.
8. Wilson de Oliveira era operador de rádio.
9. José Eli Francisco, contratado em 1960.

Agachados estão os demais radialistas:

<sup>29</sup> SILVA, Ramiro Gregório da. Op. Cit.



10. Flávio Gonçalves foi operador de rádio e, apesar do sobrenome em comum, não tinha nenhum parentesco com Jota Gonçalves.
11. Lourival Budal sempre quis ser locutor e, em 1960, ia todos os dias na Rádio Cultura AM, até ser contratado. Transformou-se em fenômeno como locutor esportivo.
12. Sergio Gondin era comentarista esportivo.
13. Ney Botto Guimarães foi o primeiro locutor esportivo contratado pelo Jota Gonçalves.
14. Wilson de Oliveira era homônimo do operador de rádio. Foi diretor de esportes da emissora.
15. Jonecir<sup>30</sup>.

### **Considerações finais**

O recorte delimitado em 20 anos permitiu a reconstituição da formação das três primeiras emissoras de Joinville: Rádio Difusora AM (1941), Rádio Colon AM (1958) e Rádio Cultura AM (1959). Neste período foi possível compreender as motivações pessoais, políticas e partidárias que contribuíram para a formação dessas emissoras. A pesquisa documental e as seis fontes orais foram imprescindíveis para o cruzamento de informações sobre o surgimento da primeira emissora, a Difusora AM. Fruto do sonho e idealismo de Wolfgang Brosig, verifica-se que a concessão e autorização do governo federal para execução dos serviços de radiodifusão contou com a presença de diversos acionistas. A sociedade anônima reunia empresários tradicionais de Joinville, sendo que boa parte deles estava ligado ao PSD e PTB, partidos que apoiavam o presidente Getúlio Vargas.

Sem a Radiodifusora de Joinville S.A. a Difusora AM, com o prefixo ZYA-5, certamente não teria ido ao ar oficialmente em 1º de fevereiro de 1941. Nesse período, quando vigorava o Estado Novo, sozinho Brosig não teria conseguido ser dono de uma emissora. O contexto nacional não era favorável aqueles de origem alemã. Durante a Campanha de Nacionalização (1938-1942) era, por exemplo, proibido falar em alemão.

Durante 17 anos a Rádio Difusora AM se manteve sozinha no ar. Brosig era simpatizante do PSD (Partido Social Democrático), em Joinville representados pela família Ramos, e do PTB (Partido Trabalhista Brasileiro), com vários integrantes da família Lobo. Isso fez com que partidários da União Democrática Nacional (UDN) não

---

<sup>30</sup> O nome completo desse radialista não foi lembrado nem por José Eli Francisco e nem por Ramiro Gregório da Silva.



pudessem se manifestar nos microfones da emissora. A segunda emissora, a Rádio Colon, foi estruturada quando Jota Gonçalves, do PSD, candidatou-se a prefeito de Joinville em 1956, e estava organizando a Rádio Cultura AM. Foi a partir desses fatos que a UDN, partido dos Konder-Bornhausen, resolveu apoiar em Joinville a iniciativa do ex-prefeito João Colin de criar uma rádio. Foi o filho, ex-vereador e ex-deputado estadual, Pedro Colin que concretizou o sonho do pai e, com ajuda financeira do partido, de empresários e de órgãos públicos do Estado, comprou equipamentos modernos e de última tecnologia. Com locutores de outras cidades, em 28 de maio de 1958, a Colon pôs no ar uma programação elitizada e deu início à concorrência na radiodifusão em Joinville.

Apesar de ter iniciado as transmissões experimentais em 1956, a Rádio Cultura AM só foi inaugurada por Jota Gonçalves um ano depois da Colon, em 1º de julho de 1959. Para cuidar da área administrativa e organizá-la, Jota contratou Ramiro Gregório da Silva, que criou uma programação diferenciada das duas concorrentes, com noticiários e repórteres na rua para narrar os fatos para os ouvintes.

A confrontação de documentos, das entrevistas orais e de fotos, possibilitou a identificação com clareza que a formação das três emissoras de Joinville estava ligada diretamente às influências políticas existentes naquela época. E que mesmo com o idealismo de Wolfgang Brosig, o poder político e econômico permeou o início das transmissões da Difusora. Por trás das principais causas que contribuíram para a formação das três primeiras emissoras estavam o controle político do poder e da mídia do PSD, PTB e UDN.

### **Referências bibliográficas**

- RAMPINELLI, Waldir José (org). *História e Poder: a reprodução das elites em Santa Catarina*. Florianópolis: Insular, 2003.
- BOSSLE, Ondina Pereira. *História da industrialização catarinense: das origens a integração no desenvolvimento brasileiro*. Florianópolis: CNI/FIESC, 1988.
- CAMPOS, Cynthia Machado. *A Política da Língua na Era Vargas: proibição do falar alemão e resistências no sul do Brasil*. São Paulo: Editora Unicamp, 2006.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Multidões em cena. Propaganda política no Vargasismo e no Peronismo*. Campinas, SP: Papirus, 1998.
- COELHO, Ilanil. *É proibido ser alemão: é tempo de abraçá-lo-se*. In: GUEDES, Sandra. (Org.). *Histórias de (i) migrantes: o cotidiano de uma cidade*. Joinville: Univille, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Joinville e a campanha de nacionalização*. São Carlos, 1993. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.
- GOULART, Silvana. *Sob a verdade oficial: ideologia, propaganda e censura no Estado Novo*. São Paulo: Marco Zero, 1990.
- GUEDES, Sandra P. L. de Camargo (org.). *Histórias de i (migrantes): o cotidiano de uma cidade*. Joinville: Univille, 1998.



HAUSSEN, Doris Fagundes. *Rádio e política: tempos de Vargas e Perón*. Porto Alegre: Editora da PUCRS, 1997.

MOREIRA, Sônia Virgínia. *Rádio palanque*. Rio de Janeiro: Mil Palavras, 1998.

SEYFERTH, Giralda. *A colonização alemã no Vale do Itajaí-Mirim: um estudo de desenvolvimento econômico*. Porto Alegre: Movimento, 1974.

VIEIRA, Lúcia Helena; MEDEIROS, Ricardo. *História do Rádio em Santa Catarina*. Florianópolis: Insular, 1999.

#### **Monografia, Dissertação e Tese**

DE MARCO, Benhur. *O controle da Mídia: Elites e a Radiodifusão em Santa Catarina*. Dissertação de mestrado, UFSC, Florianópolis, 1991.

MORAES, Paulo Romão de. *Radiojornalismo em Joinville: uma análise da Rádio Cultura AM (1964 a 1984)*. Monografia defendida na faculdade de jornalismo, no Ielusc, Joinville, em dezembro de 2007.

SANTOS, Lilian Mann dos. *Kolonie-Zeitung, uma história - A viagem pelas oito décadas do primeiro jornal alemão de Santa Catarina*. Trabalho de Conclusão apresentado no curso de jornalismo da UFSC, Florianópolis, 2004.

SILVA, Janine Gomes da. *Tempo de lembrar, tempo de esquecer*. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da UFSC. Florianópolis, 2004.

#### **Fontes**

##### **Programas de televisão**

Eli Francisco conversando – Programa da TV Cidade – Entrevista com Wolfgang Brosig, em 24 de setembro de 1997.

##### **Jornais**

Acervo do Arquivo Histórico de Joinville

Jornal A Notícia – 1938, 1939, 1940, 1941

Jornal *Kolonie-Zeitung* – 1938, 1939, 1940, 1941

Acervo do jornal A Notícia

Jornal A Notícia – 1938, 1939, 1940, 1941

Acervo Sindicato dos Radialistas de Joinville e região Norte

Jornal O Comunicador – Joinville, setembro de 2001 – Edição 4

Jornal O Comunicador – Joinville, setembro de 2003 – Edição 12

Jornal O Comunicador – Joinville, setembro de 2004 – Edição 15

##### **Entrevistas**

1. José Eli Francisco
2. Paulo Roberto Brosig
3. Mario Hüttl
4. Ramiro Gregório da Silva
5. Ruth Costa